

Introdução

Apresentação

Os impasses encontrados na clínica com psicóticos há muito intrigam os psicanalistas. Sabemos o quanto a clínica com as histéricas contribuiu para a construção do método psicanalítico. Talvez possamos refletir se a psicose, por sua vez, não teria sido decisiva para o desenvolvimento da metapsicologia freudiana e posteriormente das principais formulações lacanianas.

Partindo de uma reflexão sobre a direção do tratamento em psicanálise, tanto na neurose como na psicose, em um primeiro momento, nos interrogamos como se constrói o saber de um analista. Assim, a partir de diversos questionamentos surgidos no decorrer da condução de tratamentos com psicóticos, nos aproximamos da atual questão que iremos contemplar neste trabalho.

No primeiro ano do curso de mestrado, tivemos a oportunidade de desenvolver num trabalho um caso clínico de paranóia, que foi atendido em consultório particular por cerca de dois anos¹. Este trabalho foi determinante para que encontrássemos um caminho para o delineamento da questão do conhecimento, já que se observa na paranóia uma necessidade premente, por parte do sujeito, de buscar significados para fenômenos inicialmente enigmáticos. Há uma incessante produção de sentidos, indispensável para a elucidação destes enigmas.

A pesquisa de textos psicanalíticos sobre a paranóia nos levou à questão que pretendemos explorar neste trabalho: a investigação da tese laciana de que todo conhecimento seria paranóico.

Esta proposição se encontra nos primeiros anos de seu ensino. É nesse período também que Lacan revela seu interesse pela psicose paranóica, expresso tanto em sua tese de doutorado como em textos que o seguem. Corresponde a essa época as primeiras formulações sobre a teoria do imaginário, assim como o convívio com personagens da efervescente vida cultural daquele momento.²

¹ Este caso encontra-se em anexo nesta dissertação.

² Lacan além da formação médica dedicou-se desde cedo a estudos de filosofia, estudou a teoria freudiana e conviveu com surrealistas, que por sua vez também demonstravam interesse pela teoria psicanalítica Elizabeth Roudinesco realiza um pequeno resumo do contexto no qual Lacan produz a sua

Deste modo, o que era uma questão sobre o saber em psicanálise, tema amplo, desdobrou-se na questão sobre o conhecimento paranóico. A fim de desenvolver esta questão, vimos ser necessário não somente examinar as características da paranóia, mas também investigar o que o termo conhecimento representa no ensino de Jacques Lacan. O tema do conhecimento sempre pertenceu ao campo da filosofia. Investigar como o conhecimento era produzido foi uma questão sobre a qual a filosofia clássica se debruçou, através de diversas correntes de pensamento. A noção de conhecimento advinda da filosofia nos ajudou a melhor definirmos o sintagma conhecimento paranóico, distinguindo-o da noção de saber. A formulação desse sintagma, por outro lado, se relaciona intimamente com os primeiros anos da prática clínica de Lacan, ou seja, quando a construção de seu arcabouço teórico ainda estava sendo iniciada.

Breve Contextualização

No ano de 1966, Jacques Lacan organiza os seus principais artigos em uma compilação, publicada com o nome de *Escritos*. Nessa publicação, apresenta um artigo no qual introduz uma retrospectiva de seu percurso teórico. O trabalho intitulado *De nossos antecedentes*, escrito também em 1966, apresenta introdutoriamente sua trajetória - que se iniciou na psiquiatria, se estendendo posteriormente à psicanálise. O início desta jornada é realizado em 1932, ao escrever sua tese de doutorado, que foi publicada com o título: *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*.

Na primeira parte da tese, Lacan apresenta uma extensa pesquisa sobre a história da paranóia como classificação clínica para, numa segunda parte, apresentar minuciosamente um caso de paranóia que denominou o caso Aimée. Retomaremos este caso posteriormente, no segundo capítulo desse trabalho.

Para tentarmos melhor compreender os elementos que contribuíram para o grande interesse de Lacan pela paranóia, relembremos alguns fatos importantes que atravessaram sua história pessoal.

A formação em psiquiatria de Lacan ocorreu concomitantemente com a efervescência cultural trazida pelo surrealismo. Aliás, esse grupo exerceu uma grande influência em seu trabalho. Elizabeth Roudinesco (1986, p.119) irá comentar que Lacan qualifica o surrealismo como “nova pousada”, devido ao acolhimento recebido

tese. Ela diz: “O ano de 1931 foi portanto uma época de transição para Lacan. Ele começou a efetuar uma síntese, a partir da paranóia, de três domínios a saber: a clínica psiquiátrica, a doutrina freudiana e o segundo surrealismo. Essa síntese, que se apoiava sobre um notável conhecimento de filosofia – Spinoza, Jaspers, Nietzsche, Husserl e Bergson, em particular -, lhe permitirá elaborar a tese de medicina, que será sua grande obra da juventude. (Roudinesco, E. Jacques Lacan- *Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras. p.51)

por sua tese. A autora observa que Lacan tinha amizade com alguns membros desse grupo, dentre os quais André Breton e Salvador Dali.

Mas por que razão a escrita da tese teria sido tão bem recebida? O que haveria de tão original neste texto?

Sua tese se configura como um texto original por centrar-se numa constituição para a doença mental, em especial a paranóia, que não se apóia somente em causas orgânicas e marca uma diferença em relação a uma visão organicista do fenômeno mental. Seu olhar se volta para os fatores que envolvem a etiologia e desenvolvimento da psicose com relação ao meio social e pessoal.

Talvez seja exatamente nesse ponto que irá realizar sua passagem para psicanálise. A originalidade de sua tese ultrapassa o meio acadêmico para, segundo palavras de Lacan, “fazer eco” entre os surrealistas, ou seja, também ser discutida por esse grupo (Lacan, 1966, p. 69).

Em 1931 ocorre o encontro de Lacan com Salvador Dali, que acabara de publicar o texto *L'âne pourri* [*O asno podre*]³, no qual irá defender a noção de paranóia-crítica, um conceito formulado que serviria tanto para realizar uma interpretação delirante quanto uma crítica da realidade.

Os surrealistas já faziam uso dos conceitos psiquiátricos e psicanalíticos desde antes da publicação da tese de Lacan. Vemos um exemplo disso na publicação da revista *Le surréalisme au service de la révolution*, em que vinham sendo estudados desde os anos 30 os elos entre a paranóia e a criação poética (Jorge e Ferreira, 2005, p.16).

Ora, se a paranóia se apresentava como um campo de interesse para os surrealistas, não deveria nos surpreender a recepção que Lacan obteve com a sua tese.

O mesmo Dali, que já se dedicara a estudar a paranóia, mostra a repercussão da tese de Lacan produzindo mais dois textos: *A conquista do irracional* (1933) e *Novas considerações sobre o mecanismo do fenômeno paranóico do ponto de vista surrealista* (1933).

Nesses dois textos, podemos notar as questões de Dali com a paranóia. No primeiro observa-se que a importância da paranóia-crítica como método justifica-se no momento em que nem ele mesmo conseguiria interpretar sua própria arte.

Vejamos como ele se explica:

Parece-me perfeitamente diáfano quando meus inimigos, meus amigos, e o público em geral, fingem não compreender o significado das imagens que surgem e que

³ Dali, Salvador. “L’Âne Pourri”, *SASDLR*, 1, Julho de 1930.

transcrevo em meus quadros. Como podem querer que eles compreendam quando eu mesmo, que sou quem as faz, não as compreendo? O fato de eu mesmo, no momento de pintar, não compreender o significado de meus quadros, não quer dizer que eles não tenham significado algum: pelo contrário, seu significado é de tal maneira profundo, complexo, coerente, involuntário, que escapa à simples análise da intuição lógica. (Dali, 1933 p.16)

Notamos, então, que Dali sente necessidade de criar algo que pudesse ajudar a compreensão de sua produção artística. Daí o seu interesse pelos mecanismos paranóicos, que surge a partir de 1929 (ibid, p. 18).

Talvez seja pertinente comentar que o surrealismo, ao fazer uso dos conceitos psicanalíticos e psiquiátricos, visava alçar o surrealismo a uma condição muito especial. Dali faz vários comentários a esse respeito, ao tentar esclarecer que “os surrealistas” não são exatamente artistas, tampouco verdadeiramente cientistas. Ele localiza o surrealismo como algo que se situa entre a “água fria da arte e a água quente da ciência” (ibid, p.15).

Não nos surpreende, então, a leitura da tese de Lacan, pois Dali assinala repetidamente nos seus textos o quanto a paranóia é um campo de grande interesse para ele. Em seu segundo texto, Dali cita inclusive Lacan e sua tese.

Mas o que seria afinal o método, o “crítico-paranóico” ? O método crítico-paranóico define-se como um “método espontâneo de conhecimento irracional baseado na associação crítico-interpretativa dos fenômenos delirantes” (idem, p.19). Dali observa também que essa atividade descobre significados novos, permitindo o mundo do delírio passar para o plano da realidade.

Roudinesco (1986) ressalta que, segundo Dali, a paranóia por se apoiar em um método crítico coerente dotado de significações e de uma dimensão fenomenológica e por consistir em uma interpretação delirante da realidade, seria paradoxalmente tanto equivalente à alucinação quanto sua antítese. Dali considera o fenômeno paranóico um tipo *pseudo-alucinatório* e ilustra essa idéia pelo aparecimento de figuras duplas, como na pintura de uma imagem de cavalo que é também imagem de mulher. Tal como a pintura “O grande paranóico” de Dali, que ilustra a capa desta dissertação.

O que vale salientar nesta passagem é que Dali faz uso do conceito de paranóia como um meio singular de acesso ao conhecimento e de apreciação da arte surrealista. Ao contrário da opinião vigente, segundo a qual o paranóico cometeria erros de julgamento, para Dali a paranóia era “uma atividade criadora que não joga, como a histeria, com a deformação, mas com a lógica” (Roudinesco, 1986, p. 128).

Buscamos marcar a relação que Dali faz entre a paranóia e o conhecimento, uma vez que encontramos em Lacan a proposta de estudar a paranóia como

fenômeno do conhecimento. É interessante observar no pensamento de Dali uma convergência com a proposta lacaniana de estudar as psicoses paranóicas.

Se para Dali a paranóia constitui um método, para Lacan representa um campo de interesse singular. Não é surpresa perceber que, um ano após a publicação de sua tese, Lacan escreve para revista *Le Minotaure* (n.3 de dezembro de 1933), um artigo intitulado *Motivos do crime paranóico: o crime das irmãs Papin*, que buscava compreender e comentar um crime cometido pelas irmãs Christine e Léa Papin.

As irmãs Papin, Christine e Léa, eram empregadas de uma família burguesa do interior da França, na cidade de Les Mans, já há alguns anos quando golpeiam e mutilam as patroas, mãe e filha, de modo simultâneo, brusco e aparentemente sem nenhum planejamento.

Vejamos como Lacan descreve o crime:

Uma noite, a 2 de fevereiro, esta obscuridade se materializa por um simples curto-circuito elétrico. Uma inabilidade das irmãs é o que o provocou, e por coisas menores as patroas ausentes já haviam demonstrado o seu mau-humor. Que disseram a mãe e a filha quando, ao voltarem, descobriram o pequeno desastre? As declarações de Christine variaram sobre esse ponto. Seja como for, o drama se desencadeia muito rapidamente, e sobre a forma do ataque é difícil admitir uma outra versão que a que deram as irmãs, a saber, que ele foi súbito, simultâneo, levado de saída ao paroxismo do furor: cada uma delas subjuga uma adversária, arranca-lhe, em vida, os olhos da órbita – fato inédito, dizem, nos anais do crime – e a espanca. Depois, com ajuda do que encontram a seu alcance, martelo, pichel de estanho, faca de cozinha, elas escarniçam o corpo de suas vítimas, esmagam-lhes as faces, e, deixando à mostra o sexo delas cortam profundamente as coxas e as nádegas de uma para ensaguentar as da outra. Lavam, em seguida, os instrumentos desses ritos atrozes, purificam-se a si mesmas, e deitam-se na mesma cama: “agora está tudo limpo!” Esta é a fórmula que trocam e que parece dar o tom de desilusão, esvaziado de qualquer emoção, que a elas sucede à orgia sangrenta. (Lacan, 1933, p.381-382)

Lacan observa que elas não dão ao ato cometido nenhuma motivação nem mal-estar pregresso contra as suas patroas. O que se destacava no discurso das duas era a preocupação de partilhar inteiramente a responsabilidade do crime.

A questão que vai sendo pouco a pouco discutida no artigo incide sobre a constituição paranóica das irmãs, salientando a característica de ser um caso de *folie à deux* (loucura a dois), ou seja, um delírio cuja constituição e consolidação só pode ser realizado em dupla. (Lacan, 1933, p.387). Essa hipótese também explicaria o fato de o crime ter ocorrido de maneira tão coordenada pelas irmãs, sem um planejamento prévio. O ato de uma consolida o da outra irmã.

O que nos interessa marcar nesse caso de loucura a dois centra-se na análise, realizada por Lacan, sobre a constituição do sujeito e da função do duplo. O que

podemos adiantar no momento e que será desenvolvido no terceiro capítulo é que a hipótese de Lacan localiza a constituição do *eu* a partir do Outro. Essa constituição efetua-se através do registro cunhado por Lacan de imaginário. Nele o olhar é um dos fatores determinantes na formação do sujeito, o que, curiosamente, apresenta-se no ato das irmãs, no gesto de arrancar os olhos de suas patroas – evidenciando que a dimensão do olhar surge como um elemento importante na constituição paranóica e na formação do delírio.

Outro fato que podemos destacar no crime cometido pelas irmãs seria um elemento denominado de reversibilidade, como mais um modo de funcionamento característico da paranóia. O que isto quer dizer? Se o sujeito, por exemplo, sente ódio por alguém, pensa que na realidade é o outro que o odeia. No capítulo primeiro, sobre as contribuições de Freud, falaremos mais detalhadamente desse assunto.

No artigo de Lacan, *De nossos antecedentes* (1966), o relato que o resultado do método exaustivo a que se impôs para redigir a monografia do caso Aimée possibilitou a introdução da “rubrica de conhecimento paranóico” (Lacan, p.69). Assim, nessa expressão “conhecimento paranóico” encontramos o ponto de principal interesse e interlocução em nossa pesquisa.

Se tivermos em mente que na paranóia destaca-se com frequência uma indicação para uma relação com o conhecimento, seja sobre o outro, seja sobre si mesmo, obtemos mais elementos que possam contribuir com esse trabalho de pesquisa. Como ressalta Antonio Teixeira (2004), Lacan não pretendia indicar com a expressão “conhecimento paranóico” um caso específico da paranóia enquanto entidade clínica, mas sim designar a aproximação estrutural entre a função imaginária do conhecimento e o modo de organização do pensamento paranóico:

Esta então é a nossa pista: a organização do pensamento paranóico. Quais seriam então os outros elementos para buscarmos a resposta para nossa questão? Encontraremos outro vestígio no artigo *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946), onde Lacan aponta dois eixos importantes envolvendo a causalidade da loucura.

Ao relembrar a apresentação de sua tese observa que sua proposta consistiu em deixar claro que a loucura é um fenômeno de pensamento. Observa também que na loucura encontramos uma “estrutura constitutiva do conhecimento humano” (Lacan, 1946, p.163).

Parece que as indicações de Lacan se dirigem no sentido de observar que percebemos na paranóia um modo de funcionamento que se assemelha à apreensão do conhecimento. Para que o sujeito conheça algo há a necessidade da apreensão do

objeto, realizada pelo olhar e mediada pela relação do duplo ou da imagem no espelho.

Cabe observar que estamos descrevendo inicialmente a paranóia do ponto de vista clínico para marcar como Lacan a assemelha ao conhecimento humano. Ele diz:

O que designei assim em minha primeira comunicação ao grupo da *Évolution Psychiatrique*, que tinha naquele momento uma originalidade bastante notável, visa às afinidades paranóicas de qualquer conhecimento de objeto enquanto tal. (Lacan, 1955-56, p. 50)

Contudo, é importante observar que, ao pontuar que todo conhecimento seria paranóico, não quer dizer que somos todos loucos. A paranóia enquanto matriz de um conhecimento humano não está necessariamente levando em questão a estrutura clínica da paranóia.

Não contemplaremos nesse trabalho de pesquisa um exame mais detalhado sobre a questão das estruturas clínicas. Entretanto, o que nos cabe dizer é que, no período em que defende uma matriz paranóica para o conhecimento humano, Lacan não está preocupado em estabelecer uma distinção de estruturas clínicas.

Porém, isso não irá invalidar sua proposição em relação ao conhecimento. Arriscamos dizer que a hipótese de um conhecimento paranóico pertenceria a um campo transestrutural, isto é, o que estamos chamando de conhecimento paranóico não legisla apenas a estrutura paranóica.

De qualquer modo, julgamos necessário iniciar o trabalho com a definição de paranóia e a problemática envolvendo a sua conceituação, com os autores que contribuíram para uma melhor definição deste campo de estudo. Nesse capítulo também apresentaremos o caso Schreber.

Após a conceituação da paranóia exploraremos a relação do *eu* com o conhecimento. Esse será o tema do segundo capítulo, onde será introduzida a formação do *eu* a partir do texto freudiano sobre o narcisismo para que possamos também observar como ocorre o seu desenvolvimento no Estádio do Espelho, formulado por Lacan. Ao final desse capítulo iremos apresentar o caso Aimée.

Teremos visto então a conceituação da paranóia e a justificativa para a relação que o *eu* possui com o conhecimento. Isso será necessário para que busquemos no terceiro capítulo as bases formais que possam nos ajudar a compreender o que Lacan entende por conhecimento para lhe atribuir o predicado de paranóico. Essa discussão é levantada no terceiro capítulo e culmina com uma questão que apenas lançaremos:

Se para afirmar que todo conhecimento é paranóico, Lacan postula uma noção de conhecimento distinta da noção de saber, o que seria o saber em psicanálise?